

A ILLUSTRACÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno. 4\$000 réis.

Numero pago á entrega. \$090

N.º 54 — VOL. III.

Sabbado 27 de Agosto de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno. . . . 4\$300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte). . . 5\$000

Summary.

ARTIGOS — Historia da actualidade — Olivier Goldsmith, continuação — A villa de Grandola — A cidade da Guarda — Quadras historicas, continuação — Ruinas de Postum — Van-Dick, conclusão — A casa das conferencias de Zurich — Os dois bakales — O judeu errante, conclusão — Sonetos.
GRAVURAS — Brasões da villa de Grandola, e cidade da Guarda — Ruinas de Postum — A casa das conferencias de Zurich.

Historia da actualidade.

Teve logar no domingo 21 do corrente um arrayal nos Olivaeas, que esteve concorridissimo, não chegando as carroagens do comboio que partiu depois da meia noite para conduzirem todas as pessoas que ficaram para ver o fogo; pelo que veiu muita gente a pé.

— As conferencias de Zurich, que teem adquirido grande importancia, continuam sem que transpire nada do que por lá se tem passado.

— Na estrada de Somma-Campagna, em Villafranca, uma patrulha piemontezza e outra austriaca bateram-se, no dia 9, resultando alguns ferimentos de ambas as partes.

— Durante o anno de 1858 exportaram-se para o Brazil productos dos diversos portos de Portugal no valor de 4:673:535\$ réis moeda brazileira: deduzindo 934:707\$ réis de direitos, e 584:191\$870 réis de fretes, armazenagem, quebras e commissão de venda, fica liquido 3:154:636\$130 réis, dos quaes deduzidos 1:477:714\$000 réis, valor dos productos brazileiros importados, ficam 1:976:922\$130 réis por saldo a favor da exportação.

— Parece que está resolvido ficarem oitenta mil francezes na Lombardia, incluindo o quinto corpo d'exercito do commando do principe Napoleão.

— No parlamento inglez declarou lord John Russell, que o governo não tinha participacão alguma de que a Austria e a França estivessem resolvidas a restabelecer, por meio das armas, os soberanos dos ducados italianos.

— Com effeito no dia 15 do corrente foi a entrada em Paris do exercito d'Italia, reinando o maior enthusiasmo, mórmente na passagem dos feridos.

— A festa do Campo Grande, que teve logar no domingo e na segunda feira, foi muito concorrida, havendo arrayal, onde

tocou a musica de caçadores 5, e um brilhante fogo d'artificio.

— O rei de Sardenha continua visitando as povoações da Lombardia, onde, por toda a parte, é recebido com grande enthusiasmo.

— Não se sabe se a Inglaterra tomará parte no congresso europeu, que hade negociar a paz. Em um discurso pronunciado no parlamento, disse-se que tinham sido feitas proposições a sua magestade britanica para se saber se no caso de ter logar uma conferencia das grandes potencias para arranjar os negocios d'Italia, seris enviado plenipotenciario inglez para assistir a essa conferencia; mas que até hoje a rainha não tem recebido informações pelas quaes possa decidir se julgará opportuno tomar parte em taes negociações.

— Garibaldi deu a sua demissão, que, com custo, foi acceita pelo governo sardo.

— O cardeal Antonelli foi substituido na presidencia do conselho d'estado pelo cardeal di Pietro, que foi nuncio apostolico muito tempo n'esta córte.

— Na noite de quinta para sexta feira, era quasi meia noite, deram as torres signal de incendio, o qual apresentava aspecto aterrador. Mas afinal não foi coisa de cuidado, porque foi n'um casebre na rua da Horta Secca, que tinha de ser deitado abaixo para a feitura do novo largo.

— Por portaria do 4.º do corrente foi concedida provisoriamente a mina de cobre sita no Pindello, concelho d'Oliveira d'Azemeis, districto de Aveiro, ao visconde de Castro e Silva, e diversos.

— O imperador d'Annam pediu a paz, e já começaram as conferencias entre o almirante commandante em chefe das forças alliadas e o mandarim cochinchino.

— Parece certo que Garibaldi já tomou, ou vae tomar o commando em chefe do exercito da Italia central; o que todavia se não sabe é quaes serão as operações que tal exercito emprehenderá.

— Em Napoles os regimentos suissos continuam insubordinados; e o governo decidira licenciar-os.

— Domingo teve logar na praça do Campo de Sant'Anna a corrida annunciada em beneficio do asylo das raparigas abandonadas. O divertimento esteve pouco concorrido, talvez em consequencia das muitas distrações que houve n'aquelle dia. O gado não satisfiz. E' comtudo digno de elogio o lavrador, que gratuitamente o offereceu.

— Em França, concedeu-se completa e inteira amnistia a todos os individuos que foram condemnados por crimes politicos, ou que foram objecto de medidas de segurança geral. O decreto é datado de 16 do corrente.

— Continua em Vienna a crise ministerial. A combinacão ultimamente feita apresenta difficuldades.

— A companhia do café-concerto está nos paroxismos.

— O imperador Alexandre, reconhecido pela boa recepção feita ao grã-duque Constantino, mandou ao sultão a commenda da ordem de Santo André, de brilhantes. Affirma-se que a tal commenda é avaliada em um milhão de piastras.



Van-Dick.

— O filho do grã-duque de Toscana chegou a Paris.

— Houve grande tumulto na sessão da camara de Bruxellas quando se tratou do projecto de fortificar Antuerpia.

— O premio grande da loteria que se extrahiu no dia 22 do corrente saiu no n.º 1163, a immediata em 2749, e a seguinte em 2016. A extracção da seguinte loteria terá logar no dia 3 de Setembro.

— A manhã 28, terá logar uma corrida de toiros, em beneficio das ilhas dos Açores, desempenhada por cavalheiros curiosos, que se prestaram generosamente a tomar parte n'aquelle divertimento. Os bilhetes da sombra custarão mil réis, e os do sol quinhentos réis.

— Na Andaluzia tem feito calor insupportavel de modo que, desde as nove horas da manhã até ao sol posto, não é possível sair á rua. Na California tambem, com calor, tem morrido gente e animaes.

— O sultão, depois do seu regresso a Constantinopola, recebeu, com distincto acolhimento, a mr. de Thouranel.

— Foram satisfatorias as explicações, ácerca da visita da esquadra ingleza a Alexandria, dadas por sir Bulwer.

— A sociedade nacional britannica de salvamento gastou em 1858 oito mil duzentas sessenta e cinco libras esterlinas, ou 37:192,500 réis na aquisição de novos botes salva-vidas, reparação dos existentes, transportes, e recompensas pelo salvamento de quatrocentas vinte e sete pessoas. Dez mil novecentas e quatro vidas tem sido salvas, desde a sua instituição em 1824 até o anno de 1858.

— A camara municipal do Porto reiterou o pedido, que fizera ao governo, da sua exoneração.

— Em Napoles houve serias desordens em consequencia de se ter cercado de tropa a igreja onde se estava cantando o *Te Deum* pelos annos de Napoleão. O general Filangieri é quem commandava a força.

— A assembléa de Modena votou por unanimidade a annexação do ducado ao Piemonte; confirmou a dictadura de Farini, e autorizou um emprestimo de cinco milhões.

— Tambem a assembléa da Toscana votou a annexação ao Piemonte, depois do que suspendeu as suas sessões.

— Na terça feira, 23, regtessou o cirio de Nossa Senhora d'Atalaya. Vinha acompanhado de grande concurso de povo.

— E' muito notavel um artigo que publicou o *Invalido Russo*, jornal de S. Petersburgo, ácerca do congresso europeu.

— Continuam em Inglaterra os armamentos, cujas despesas montam a muitas mil libras esterlinas.

— Publicou-se um compendio de grammatica portugueza, composto pelo senhor D. José de Lacerda. Dizem-nos que vai ser submettido á approvação do conselho superior d'instrução.

— Concluiu-se um tratado de propriedade litteraria entre a Hespanha e a Belgica; as condições são eguaes para ambos os paizes; as fraudes e contrafacções serão julgadas pelos respectivos tribunaes como se fossem proprias; e as prerogativas dos autores são eguaes em ambas as nações.

Oliver Goldsmith.

Continuação.

ESTUDO BIOGRAPHICO POR MACAULAY.

Em 1757 desembarcava o viajante em Dover, sem um cétil de seu, sem ter um amigo, e sem modo de vida. Se pudermos dar credito sem outro testemunho, ao que elle proprio nos diz, tinha tomado o grau de bacharel em medicina pela universidade de Padua. Mas esta dignidade, de nada lhe podia servir. Em Inglaterra a sua flautera era igualmente inutil: não havia conventos, e viu-se reduzido a lançar mão de uma serie de desesperados expedientes. Fez-se comico ambulante, mas a sua physionomia e figura não se accommodava nem ao palco do mais insignificante theatro.

Compoz drogas, e corria as ruas de Londres com garrafadas de algum chimico caritativo. Depois uniu-se a um bando de mendigos, que habitavam em *Aze Gard*. Foi por algum tempo preceptor n'um collegio, mas sentiu tanto as misérias e humilhações d'esta situação, que se julgou feliz em poder ser o arre-burrinho dos livreiros. Mas achando esta nova servidão mais penosa ainda, fez-se outra vez preceptor. Conseguiu ser nomeado facultativo ao serviço da companhia das Indias, mas esta nomeação foi immediatamente revogada. O motivo porque, nunca elle nos disse. Era um assumpto a que lhe era desagradavel alludir. Mas é provavel que o achassem incompetente para o desempenhar. Apresentou-se depois na escola de cirurgia para fazer exame, como pretendente a um logar d'ajudante n'um hospital da marinha. Mas nem para este modesto emprego estava habilitado. Não lhe restava outro recurso senão recorrer outra vez aos mais inferiores trabalhos litterarios. Goldsmith alugou uma agua furtada n'um pateo miseravel, a que dava communicação de *Fleet Disch* uma ingreme escada de lagedo, denominada *Beahneck Steps* (Quebra-Costas). Tanto o pateo como as escadas já desappareceram, mas alguns vellos habitantes de Londres ainda se recordam de os ter visto. Aqui aos trinta annos o infeliz aventureiro se estabeleceu para trabalhar como um escravo das galés.

Durante os seis annos seguintes mandou para a imprensa muitas coisas das quaes algumas sobreviveram, e outras foram esquecidas. Compunha artigos para revistas, gazetas e jornaes, e livros para creanças, que encadernados em papel dourado, e adornados com horrendas gravuras appareciam na vidraça da afamada loja á esquina de S. Paul'o Churchyard. E tambem o exame sobre as bellas letras da Europa que ainda que de pouco ou nenhum valor se imprime hoje com as suas obras; uma *vida do Beau Nash*, que não tem sido reimpressa, apezar de o merecer: uma superflua, incorrecta, mas agradável *Historia da Inglaterra*, n'uma serie de cartas, de um fidalgo a seu filho; uns animados e divertidos *Esboços da sociedade de Londres* tambem em cartas de um viajante chinês aos seus amigos. Todas estas obras eram anonymas, mas algumas sabia-se geralmente serem de Goldsmith; e elle elevava-se gradualmente na opinião dos editores. Era na verdadeira extensão da palavra um escriptor popular. Para um estudo exacto, ou para discutir seriamente, não era competente nem pela sua indole, nem pela educação. Elle nada sabia de fundo, os seus estudos tinham sido sem methodo, nem nunca elle meditava bem o que estudava. Tinha visto muito do mundo, mas tinha observado e lido pouco, á não ser alguns factos ou caracteres grutescos, que lhe impressionavam a imaginação. Mas ainda que alimentado de pouca substancia, servia-se d'isso mesmo de uma maneira que produzia um effeito admiravel.

Tem havido muitos escriptores de menos alcance e talento, mas talvez nenhum seja tão igualmente agradável. O seu estylo era sempre correcto, e facil, e quando a occasião o exigia energico, e espirituoso. As suas narrativas eram sempre interessantes, as suas descrições pittorescas, a sua veia variada e jocosa, mas acompanhada ás vezes de uma sombra de melancolia agradável. Em tudo quanto elle escrevia ou em genero serio ou no genero comico, havia sempre uma certa graça e decoro natural que mal se podia esperar de um homem que tinha passado a maior parte da sua vida entre ladrões e mendigos, prostitutas e salimbancos, n'aquellas miseraveis enxovias que são o opprobrio das grandes capitães.

Como o seu nome se ia tornando conhecido, augmentava-se o numero das suas relações. Foi apresentado a Johnson, olhado como o primeiro dos escriptores inglezes existentes. Reynolds o primeiro dos nossos pintores inglezes, a Burke que ainda não tinha entrado no parlamento, mas que já era distincto pelos seus escriptos, e pela eloquencia da sua conversação. Com estes homens eminentes Goldsmith tornou-se intimo. Em 1763 era um dos nove membros primitivos d'aquella celebre associação, que se tem ás vezes chamado o *Club Litterario*, mas que tem sempre recusado

este epitheto e que ainda se gloria de ser simplesmente o *Club*.

Por este tempo Goldsmith tinha abandonado a sua habitação no cimo de *Beahneck Steps*, e tinha tomado um quarto na região mais civilizada de *Jones of Court*. Mas ainda se via reduzido a tristes expedientes. Para o fim de 1764 estava em tamanho atrazo a sua renda, que a senhoria julgou dever recorrer á justiça. O devedor muito atrapalhado, mandou avisar a Johnson, e este sempre prompto a ajudar, ainda que muitas vezes se vovera, mandou-lhe um guinéu, dizendo que lá iria immediatamente. Quando veio, encontrou Goldsmith, que tinha já trocado o guinéu, ralhando com a senhoria sobre uma garrafa de vinho da Madeira Johnson mettendo a rolha na garrafa, rogou ao seu amigo, que tratasse seriamente de achar um meio pelo qual se podesse arranjar algum dinheiro. Goldsmith disse-lhe que tinha uma novel-la para a imprensa. Johnson viu o manuscrito de um relance e assegurando-se que havia lá irie muitas coisas boas, levou-o a um editor a quem vendeu por sessenta libras, e voltou logo com o dinheiro. Pagou-se a renda e retiraram-se os beleguins. Segundo alguns Goldsmith reprehendeu severamente a senhoria pela sua ousadia; segundo outros insistiu em que ella tomasse um punch na sua companhia. E' provavel que ambas estas historias sejam exactas. A novel-la que d'esta maneira saiu á luz era o «Vigário de Wakefield.» (Vicar of Wakefield.)

Mas antes de apparecer o «Vigário de Wakefield,» já se tinha realisado a grande crise na vida litteraria de Goldsmith. Pelo natal de 1764 publicou um poema intitulado «o Viajante» (The Traveller).

Era a primeira obra que apparecia em seu nome; e que o graduou immediatamente como legitimo classico inglez.

Era a opinião dos mais eminentes criticos, que não tinha apparecido nada mais bello desde o quarto livro do Dunciad. N'um ponto o Viajante differia de todas as outras obras de Goldsmith. Em geral os seus planos são pessimos, e a execução boa. No Viajante, a execução, ainda que de grande merecimento, é muito inferior ao plano. Nenhum poema philosophico antigo ou moderno tem um entrecho tão nobre, e ao mesmo tempo tão singelo. Um viajante inglez, assentado sobre um penedo entre os Alpes n'um sitio aonde se avistam tres grandes reinos, contempla a extensa perspectiva, passa em revista a sua longa peregrinação, recorda as variedades de scenas, de climas, de governos, de religiões, de caracteres nacionaes que elle tem observado, e tira a conclusão ou justa ou injusta que nosa felicidade depende pouco das instituições politicas, mas muito da nosa indole e disposição moral.

Continua.

LOPES DE MENDONÇA.

A villa de Grandola.

D. Jorge d'Alencastre, duque de Coimbra, e filho legitimado d'el-rei D. João II, era muito affeiçãoado aos exercicios da caça. Um dos sitios, que mais procurava para esta distracção, era a serra de Grandola, nos limites da comarca de Setubal, povoada de todo o genero de caça.

Para sua maior commodidade mandou edificar um palacio nas faldas da serra, onde havia uma pequena e pobre aldeia chamada o *logar de Grandola*. Assim que o duque viu acabado o palacio, passou a viver n'elle uma boa parte do anno.

Achando-se em certo dia á janella a recrear os olhos na matta de sobreiros e carvalhos, que lhe ficava defronte, e mui visinha, um grande e sahnudo javali, rompendo com furia o matto, perseguido dos cães, veio parar ao terreiro do palacio. O duque, mal viu a fera, bradou pelos criados e vassallos, saltou as escadas d'um pulo, e saiu a campo para montar o javali.

Faltou-lhe porém o mais destro e ousado dos seus monteiros, e a esta falta attribuiu D. Jorge o desar de lhe escapar o animal. A extensão de similhante desgosto só pode ser avaliada pelas pessoas, que encontram na caça o maior prazer da vida. Julgue-se por tanto da desesperação do

duque por não ter corrido á sua voz o monteiro, que mais desejava ver ao pé de si. Todavia não fóra culpa do vassallo o não se achar ao lado do seu real senhor, quando este precisou dos seus serviços. Outros deveres imprescriptíveis o tinham chamado a uma audiência judicial na villa d'Alcaecer do Sal, a cujo termo pertencia o lugar de Grandola.

Para evitar, pois, a repetição d'estes casos, impetrou e alcançou D. Jorge d'el-rei D. João III o fóro de villa para o seu lugar de Grandola, o que teve effeito no anno de 1543.

Empenhou-se desde então o duque de Coimbra em augmentar e aformosear a humilde aldéa, que de tudo necessitava para bem merecer a honra, a que fóra elevada. Com as immensas riquezas de que dispunha, facil lhe foi dar grande impulso á edificação de novas casas; á reconstrução da matriz, que apenas era uma pequena ermida; e a outras fabricas mais. Com os privilegios do fóral, que obtivera da munificencia regia; com o fausto com que vivia; e com a autoridade e consideração da sua pessoa, como principe e perfeito cavalleiro, que era, e como grã-mestre da ordem de Santiago, tambem conseguiu sem muita difficuldade ir atrahindo á sua villa numerosos moradores de diversas classes da sociedade, entrando n'esta conta algumas familias nobres e ricas, que ahi fundaram boas casas para sua residencia.

Tal foi a origem da villa de Grandola, e por estas razões é uma das terras do reino edificadas com mais regularidade.

Está situada, como dissemos, nas faldas de uma serra do mesmo nome, quasi nos limites da provincia da Estremadura, e quatro leguas ao sul da villa de Alcaecer do Sal.

Compõe-se a povoação de cinco ruas bem alinhadas, e de varias travessas, que as cortam. No centro está a matriz, que é a unica parochia, dedicada a Nossa Senhora da Assumpção, a qual, quando era simples ermida, tinha a invocação de Nossa Senhora da Abendada.

Os templos de S. João Baptista, de S. Domingos, de S. Sebastião, e de S. Pedro, estão collocados em quatro pontos oppostos, de modo que formam uma cruz, ficando a matriz no meio d'ella.

A igreja e hospital da misericordia acham-se fundados em frente do antigo palacio do duque de Coimbra, no sitio onde o javali rompeu do matto para o terreiro.

No anno de 1679 fundou-se n'esta villa um celloiro commum, á maneira do de Evora, para fazer emprestimos de trigo aos lavradores pobres, recebendo depois na mesma especie o capital e um modico juro.

Muitas vinhas, hortas, e oliveas; alguns campos de trigo, e mais longe bosques de sobreiros e carvalhos; o rio Davino com suas margens arborizadas, e que passa junto da villa, indo desaguar no Sado, depois de fazer trabalhar varias azenhas; o Borboleção, e outros mananciaes de purissimas aguas; o proprio Sado, que corre não mui distante; fazem as cercanias de Grandola muito productivas, aprasiveis, e formosas.

Além dos fructos proprios das culturas, a que nos referimos, a criação de gado, principalmente suino, constitue ali um ramo de grande commercio.

Grandola conta uns dois mil e duzentos habitantes; e tem por armas um escudo com a cruz da ordem de Christo, segundo dizem os autores, que temos á vista, o que não se conforma muito com a circustancia de ter sido o fundador da villa um grã-mestre de Santiago, e de ter pertencido a esta ordem a apresentação dos seus parochos.

Fazem-se na villa algumas feiras annuaes.

Ha nas visinhanças de Grandola algumas curiosidades, que devemos mencionar. O Borboleção é um olho d'agua, que nasce junto da villa, apresentando um diametro como o da roda de um carro. E' tal a violencia com que rebenta, que expulsa qualquer corpo, que lhe lancem, por pesada que seja, arremecendo-o fora da agua. O fragor, que as aguas ahi fazem, assimilha-se ao do mar embravecido, e ouve-se em distancia.

Este manancial forma um rio, que vae entrar no oceano proximo da villa de Sines. Dois pontos tem no seu curso mui notaveis e dignos de exame. Um, a que o povo chama a *Diabroria*, é uma lagoa feita pelas aguas do Borboleção, que se despenha ao sair d'ella de uma alta penedia. O outro, chamado a *Ponte dos Aynados*, é uma das mais bellas curiosidades naturaes, que se encontram em o nosso paiz. O rio, minando e gastando uma elevada rocha, que impedia a passagem da sua furiosa corrente, formou ahi uma ponte natural, que a natureza foi vestindo de heras, e tão ampla, que lhe passam carros por cima com commodidade e segurança. Os arvoredos das margens do rio accrescentam muita belleza a este sitio pittoresco.

Outra curiosidade não menos digna de ser visitada é a *serra das Algaes* com as suas famosas grutas. Começa esta serra a uma legua ao nascente da villa de Grandola, e vae correndo para leste por mais uma legua até ao sitio chamado *Castello Velho* por causa de um antiquissimo castello arruinado, que ahi se vê. Está minada esta serra na base, e em todo o seu comprimento com extensas galerias por onde se pode transitar até muita distancia.

Em diversas partes d'estas galerias se encontram profundos poços, que não deixam duvidar de que tudo isto foi obra dos homens em tempos mui remotos, dos romanos ou talvez dos phenicios, para explorações mineralogicas.

Pela extensão e fabrica das galerias, e pela quantidade e grandeza dos poços, vê-se que os trabalhos da lavra d'estas minas foram executados com muita pericia, e deve-se presumir que d'aqui se tirou grande porção de metaes. Os terrenos contiguos á serra para o lado do norte estão cobertos de escumalho, provando assim que ahi houve fundição de metaes.

No principio do seculo passado, cavando-se á entrada de uma d'estas minas, achou-se uma moeda de prata romana.

No reinado d'el-rei D. João V foram estas minas inspecionadas por pessoas peritas, mandadas a esse fim pelo governo. Segundo a opinião d'essas pessoas extrahiram-se d'ellas muita quantidade de ferro e prata.

Dá-se n'esta serra das Algaes a singularidade de serem potaveis e muito boas todas as aguas, que brotam do seu seio pelo lado do sul, ao passo que nenhuma é potavel das que rebentam pelo lado do norte. Todas estas são impregnadas de substancias, que lhe dão diversos sabores, e que imprimem diferentes cores nas pedras e terra por onde passam, obstando á vegetação nos terrenos que humedeceem. Ao que parece são diferentes qualidades de aguas mineraes, que muito conviria que fossem examinadas por habéis chimicos.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A cidade da Guarda.

Quando todo o solo da peninsula era um campo de batalha, n'essa guerra portiosa, que os christãos travaram com os agarenos até os repulsarem para Africa; mandou o nosso rei D. Sancho I, logo no começo do seu reinado, construir uma torre em um lugar eminente nas faldas do norte da serra da Estrella. Não era uma fortaleza para sustentar combates, mas simplesmente uma atalaya, d'onde se descobriam muitas terras de moiros, e por conseguinte d'onde se podiam vigiar todos os seus movimentos.

Como o sitio tivesse capacidade para mais vastas edificações, e el-rei D. Sancho reconhecesse quanto convinha levantar ali um posto de guerra, que impozesse respeito ao inimigo, tratou-se da fundação de um castello, e em seguida de uma cidade fortificada junto á fortaleza.

A 26 de Novembro de 1199 concedeu aquelle monarcha á nova povoação o fóral de cidade com muitos privilegios, dando-lhe o nome de *Guarda*, em memoria da torre, que primeiro edificara. A esta especie de torres dava-se indistinctamente o nome de *atalayas* ou *guardas*.

O mesmo soberano lhe alcançou a dignidade epis-

copal por bulla do papa Paulo III. Pelos annos de 1202 fez d'ella doação ao conde D. Fernando. Porém em Janeiro do anno seguinte achava-se já de posse d'este senhorio, em recompensa de serviços, Pedro Viegas de Tavares. El-rei D. Manuel fez duque da Guarda a seu filho, o infante D. Fernando. A alcaidaria-mór d'esta cidade andava na casa dos condes de Sarzedas, tendo sido o primeiro alcaide-mór Pedro Paes de Mattos.

No antigo regimem gosava esta cidade da prerogativa de mandar procuradores ás côrtes, os quaes tomavam assento no banco segundo. Tem por brasão d'armas um escudo corado, e n'elle uma fortaleza de prata com tres torres em campo azul, tendo na torre do meio o escudo real só com as quin-

nas. Está pois situada a cidade da Guarda nas faldas da serra da Estrella para o lado do norte em terreno plano, mas bastantemente elevado. Duas grandes quebradas separam a cidade dos terrenos circumvisinhos. Pela do occidente, que forma um profundo valle, corre o Mondego, que nasce perto d'ahi na serra, d'onde se precipita para o valle. Pela outra quebrada passa o pequeno rio Nocyme, que, unindo-se depois ao Lamegal, vae juntar-se ao Coa.

Quasi nos limites da provincia da Beira-Baixa, dista seis leguas da fronteira de Hespanha, doze da cidade de Castello-Branco, e cincoenta de Lisboa.

Dividem-se os moradores por cinco parochias, que são: a s. S. Vicente, S. Pedro, Santiago, e Nossa Senhora do Mercado. A s. e, como todas as cathedraes do reino, é dedicada a Nossa Senhora da Assumpção. A primeira igreja, que serviu de sé foi começada por el-rei D. Sancho I, e concluida por D. Afonso II, sendo consagrada a S. Gens. Pequena e de mesquinha fabrica, como eram em geral as construcções na infancia da monarchia, embora procedessem de fundação real, não passaram muitos annos sem que se reconhecesse a necessidade de edificar uma nova sé. Querendo-se logar mais desafogado, deu-se principio á obra em um espaço terceiro fora dos muros da cidade. Acabou-se de edificar este segundo templo no reinado de D. Pedro I. Foi feito pelas rendas do bispado, e dizem que era grande e de boa architectura. Infelizmente teve ainda mais curta existencia do que o primeiro; pois que no seguinte reinado, durante as guerras encarniçadas, que rebentaram por vezes entre Portugal e Castella, o nosso rei D. Fernando I mandou-o demolir afim de desaffrontar as fortificações da cidade.

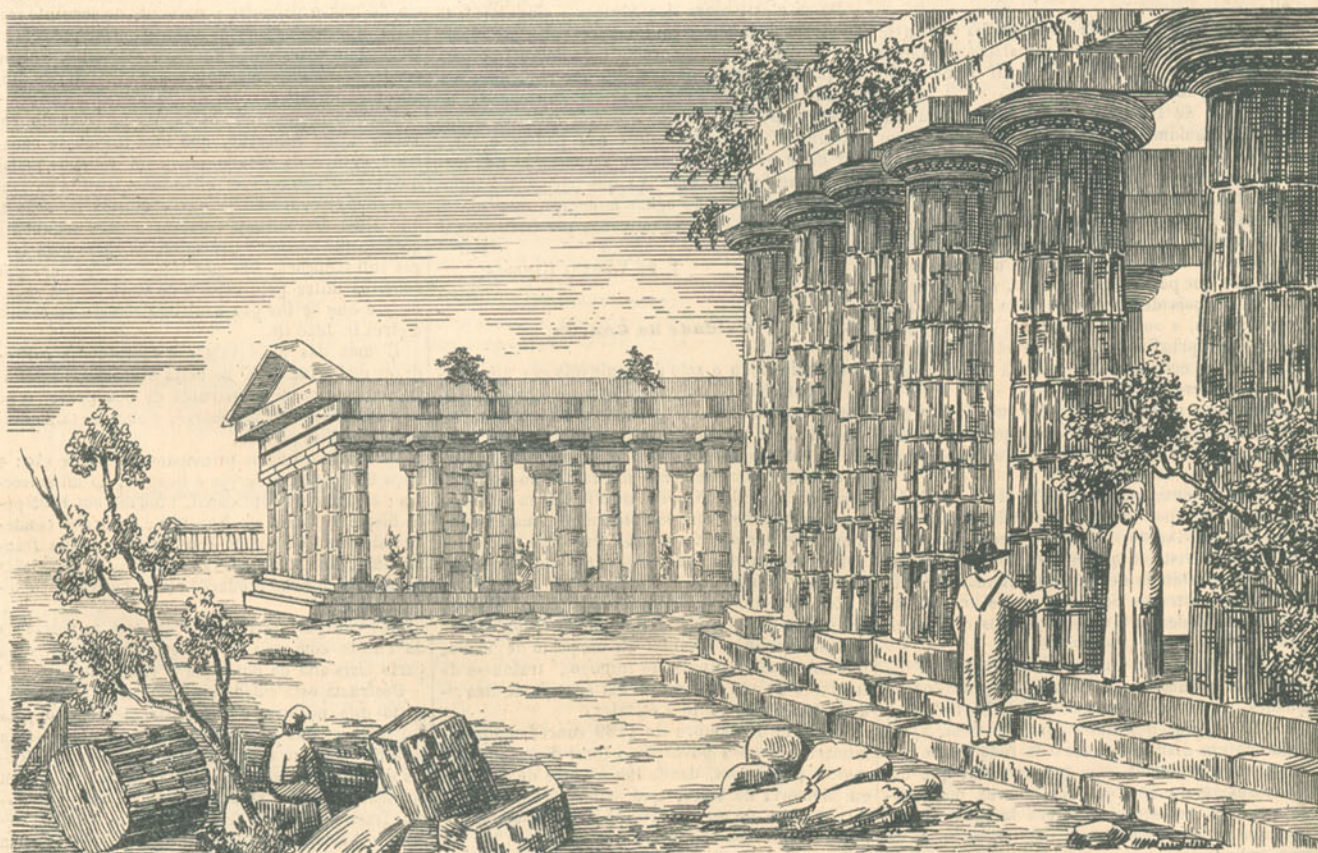
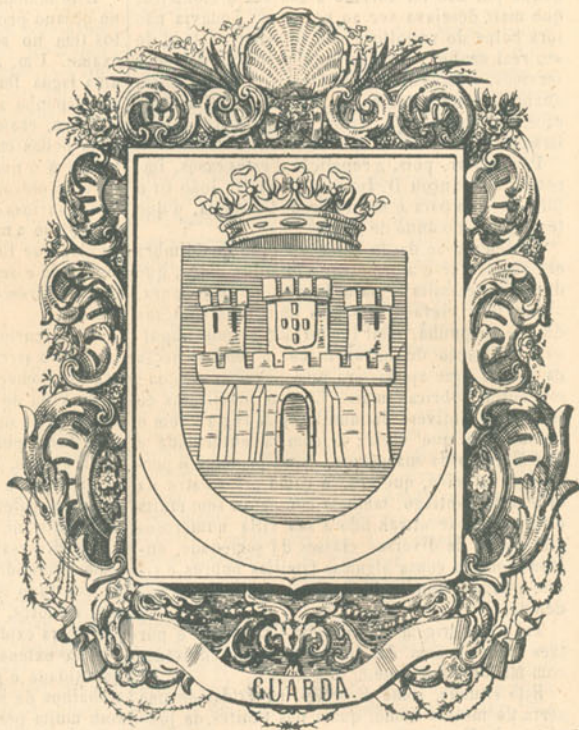
Em vão requereram os bispos no resto do governo d'este soberano, que lhes mandasse construir dentro da cidade outra sé. As suas justas queixas só vieram a ser attendidas d'ahi a bastantes annos, reinando já havia muitos D. João I, que ahi determinou começar a obra segundo a planta, que enviou. Correram as obras com largas interrupções, ora por impulso real, ora por conta da mitra pelo espaço de mais de um seculo, até que se lhe poz o ultimo remate no tempo d'elrei D. João III.

E' uma das mais vastas e sumptuosas cathedraes de Portugal. E' de bella architectura gothica, exteriormente construida de boa pedra, e no interior ornada de marmores, e obra de talha doirada de muito primor.

Os outros edificios principaes da cidade são: o pago do bispo; a igreja e hospital da misericordia; o seminario episcopal, fundado em 1595 pelo bispo D. Nuno de Noronha, filho dos condes de Odemira; o extinto convento de frades franciscanos, levantado em 1217; outro de religiosas da mesma ordem, fundação muito posterior; e oito ermidas.

Das antigas fortificações existem as muralhas da cidade com seis pontas e varias torres, e na parte mais alta da povoação o velho castello.

Desfructa esta cidade um clima muito saudavel, posto que no inverno excessivamente frio pela muita neve, que ahi cae, e de que se cobre a serra visinha. Mas em compensação numerosas nascentes de mui boas e fresquissimas aguas abastecem abundantemente a cidade, e regam todo o seu termo, fazendo-o muito fertil em milho, centeio, legumes, hortaliças, fructas, e algum vinho. Porem as suas pastagens, que são magnificas, e onde se



Ruinas de Poestum.



Casa das conferencias de Zurich.

cria grande quantidade de excellente gado de diversas espécies, constituem o principal ramo da sua industria agricola. É muito importante o seu commercio de exportação de gados, lãs, queijos, e manteiga.

Tem tido ali notavel desinvolvimento a cultura da amoreira, pelo que tem augmentado e prosperado muito a criação do bicho da seda, e fiação d'este producto, em que as mulheres se empregam quasi exclusivamente.

A população da Guarda pouco passa de quatro mil habitantes. A 25 de Junho tem uma feira annual mui concorrida.

A serra da Estrella, povoada de muita diversidade de caça, e com as suas celebradas lagoas, vistosas cascatas, grutas e rochedos singulares, faz mui curiosas e pittorescas as cercanias da cidade da Guarda.

I. de VILHENA BARBOSA.

Quadras historicas.

IV

O IMPERIO ALEMÃO.

(Primeira epoca).

Continuação

Quanto á Polonia, os desejos de Othon foram grandes: chegaram a realisar a sua grandeza e independencia. Mas esta nação, gemendo sempre com o peso de um destino fatal, volta com a morte de Othon a antiga obscuridade. De reino torna-se ducado; e o seu territorio, retalhado para saciar a cubiza dos despotas, geme sob os vexames que lhe dirige o Vaticano, e com os que uma multidão de tyrannos a esmagam, e lhe risca o nome do catalogo das nações!

A Bohemia enriquece-se com os despojos da Polonia. A Hungria, que então começava a figurar pelo governo de Jéisa, e a Russia, que se elevava já a um grande esplendor, adoptando a religião grega, e aliando-se com todos os príncipes da Europa, entregam-se cada uma por sua parte a destruir a nacionalidade da Polonia, e por conseguinte a mais gloriosa obra de Othon-o-Grande.

Pobre paiz! Está condemnado no livro da Providencia! O anjo que vela pela sorte das nações engeitou esse grande povo, que podia hoje formar um poderoso reino, se as razões politicas, sempre estultas e vãs, ou a ambição dos visinhos lhe não afogassem em todas as épocas as aspirações para a independencia.

N'outro lado, a Hespanha arde em uma guerra incansavel e sanguinolenta. Os sarracenos, que tinham conquistado este bello torrão do occidente, só o abandonavam depois de desesperada resistencia. O engrandecimento do reino de Navarra, e ultimamente a união de Fernando de Castella com a herdeira do throno leonês, offerecem aos moiros terriveis adversarios aquien dos Pyreneos. Perseguidos, apertados em penosos cárceros, os sarracenos sustentam por algum tempo uma renhida guerra. Mas Rodriguez, o famoso *Cid*, atrevido, empreendedor e habil general, fazendo a guerra por si, obriga-os a recuar no territorio das Hespanhas, immortalizando um nome que Corneille devia ainda mais popularisar. Afinal, Fernando, o Catholico, penetrando vencedor em Granada, e indo derribar o crescente dos ricos minaretes d'Alhambra, aperta os moiros n'este extremo da peninsula, d'onde Affonso Henriques os expulsou depois.

Foi no meio d'estas desordens que Othon II reinou, até que a morte o colheu na Italia, por via d'um ferimento que apanhou combatendo contra os sarracenos. O throno passou então a Othon III.

Este príncipe, que promettia engrandecer o imperio, reinou apenas dez annos. Obrigado a ir a capital christã para desfazer intrigas e revoluções que lá se agitavam, foi preso e encerrado no celebre castello de Santo Angelo. Mas voltando escapo para a Alemanha morreu envenenado aos vinte e dois annos.

Henrique, duque de Baviera, sobe ao throno imperial, e entrega-se de braços abertos ao clero, o

que tornou abominavel o seu governo pelos abusos clericos que protegeu.

Henrique III, porém, tomando as redeas do governo, destruo os privilegios do clero, e, transpondo os Alpes, vae de proposito a Roma expulsar o papa que fóra eleito sem a sua confirmação.

Henrique IV, seguindo o piso de seu antecessor, torna-se grande em todo o tempo do governo, que não seria tão agitado se a morte de Alexandre II não deixasse a Gregorio VII livre o accesso da cadeira de S. Pedro.

O genio d'este grande reformador foi o maior obstaculo que Henrique IV encontrou. Não é possível deixar de dizer duas palavras sobre esse vulto gigante, que se destaca da fileira dos papas, como fundador do poder omnipotente que o pontificado veiu a exercer no mundo. Relatar esta epoca e o reinado de Henrique IV sem fallar em Gregorio VII é impossível. O seu nome, ligado aos factos que decorreram desde 1073, não se pode apartar d'elles na historia sem a tornar incompleta.

Até ali os imperadores, por uma declaração de Othon I que lhes dava o direito de confirmar a nomeação dos papas, tinham sido os primeiros poderosos do mundo; mas logo que Gregorio VII se sentou na cadeira do Apostolo, a revolução operada pelo genio ambicioso d'esse homem destruiu as instituições de tanto tempo.

A intervenção do poder secular nos negocios da igreja repugnava ao clero. E um pobre frade, de obscuro nascimento, tentou rehabilitar o poder apostolico. Quiz destruir a ingerencia que os imperadores tinham na escolha dos papas. Imaginou fazer da cadeira de S. Pedro o primeiro throno do mundo.

O plano era immenso, e o desinvolvimento d'elle carecia d'um grande genio. Hildebrando julgou-se sufficiente para operar a reforma ecclesiastica, e poz mãos á obra, até que, eleito pontífice no concilave de 1073, a consumou definitivamente. De frade levado á cadeira pontificia, entusiasmado pelo fervor religioso, ou antes por illimitada ambição, concentrou na thiera o poder temporal e espirital; declarou a supremacia da cadeira de S. Pedro sobre os thronos do mundo; assumiu o direito de confirmar e depôr os soberanos, e até mesmo de se ingerir no governo particular das nações.

Quiz forçar o imperador á obediencia; mas Henrique resistiu. Hildebrando então declara-o depositado do throno imperial, e absolve os povos do juramento de fidelidade que lhe haviam prestado.

Era innegavel que a ambição guiava os ousados passos d'este homem. A reforma ecclesiastica, que o tornou immortal, apresenta-nos, de qualquer maneira que a consideremos, a obra d'um vasto genio, incitado por grandes ambições.

A Europa, que estava costumada a ver no papa simplesmente o pastor espiritual, e nos imperadores os primeiros potentados, pasmou ante o arrojo de Gregorio VII que se atrevia a atacar Henrique, arrancando-lhe das mãos o sceptro omnipotente de Othon I. A Alemanha divide-se então em fracções: umas guerreiam o papa; outras o imperador.

Henrique, furioso pela ousadia do pontífice, que sempre considerara subdito, corre rapido a Roma a fim de castigar Gregorio severamente. Mas a Europa, devastada por sanguinolentas desordens; a Alemanha atormentada pela guerra civil; não lhe permittem, como queria, occupar-se inteiramente da desaffronta. Além d'isso a superstição e o estúpido fanatismo da idade media derramam o terror nos exercitos de Henrique, que não querem levantar as armas contra o ministro de Deus.

Desamparado assim pelos soldados; ameaçado pelas convulsões que agitavam a Europa, Henrique IV, o grande potentado do occidente, para não perder a corôa no fatal cataclismo que o envolve, tem de prostrar-se humilhado aos pés de Gregorio VII, que ainda desdenha perdoar-lhe. E de joelhos sobre as neves do pateo de Canosa, implora tres dias, em ardua penitencia, a absolvição do summo pontífice, que tinha querido punir em desforço d'um insulto.

Taes foram os triumphos de Hildebrando! A lucta entre a thiera e a corôa imperial foi renhida. Para sair vencedor: para que a sua obra não fosse destruida, Gregorio VII não se lhe importou fazer gemer a Alemanha e a Italia ao flagello das tormentas civis. Viu indifferente os normandos, que chamara a Roma para o defenderem, entregarem a

cidade á pilhagem e ás chammaes, e lançarem aos habitantes as gargalheiras d'escravos! Era preciso ser rei dos reis, a preço de tudo! O poder supremo na terra era o fim: os meios, fossem justos ou abominaveis, pouco importavam!

Continua.

ALFREDO PIRES.

Ruinas de Postum.

A historia da antiga cidade de Postum é cheia de duvidas e de conjecturas, que a tornam muito escura. Sobre a sua origem apenas se sabe que foi fundada por uma colonia de gregos, chamados dorios; os quaes tinham por visinhos os sybaritas, celebres pelo seu luxo e habitos de molleza.

Por effeito de conquista, ou por causa do trato intimo estabelecido entre estes dois povos, os costumes corrompidos dos sybaritas communicaram-se aos dorios. O luxo desinvolvou e fez florecer as artes; e a cidade, que então se chamava Possidonia, engrandecou-se, e ornou-se de magnificos edificios. As mãos porém, que souberam crear tantos primores d'arte, tantas e tantas commodidades para a vida eram incapazes de defender a independencia e liberdade da patria.

Por tanto no anno de 480 da fundação de Roma veiu um exercito romano pôr cerco a Possidonia, que tomou quasi sem combate, e mudando-lhe o nome em Postum, decorou-a com o titulo de cidade municipal.

Desde esta epoca não se encontram mais noticias de Postum até ao reinado de Augusto, em que os poetas celebraram a belleza das rosas, que floreciam duas vezes por anno nos fertis campos que cercavam aquella cidade.

Depois tornaram-se os autores a esquecer d'ella; e só reappareceram memorias suas passados oito seculos, quando os sarracenos, senhores da Sicilia, tentaram estabelecer-se na Italia meridional.

Durante duzentos annos foi este bello paiz theatro de continuas guerras, até que os filhos d'Agar, reconhecendo no principio do seculo X a impossibilidade de vencer os defensores da cruz, decidiram abandonar a Italia. Querendo porem na despedida deixar bem assignalada a sua passagem com duradouros vestigios do seu rancor contra a christandade, destruíram a cidade de Postum depois de a terem roubado.

Os moradores, já antes d'esta catastrophe empobrecidos por diversas circumstancias, abandonaram completamente a cidade, que assim ficou um montão de ruinas.

Na primeira metade do seculo XVI pretendeu-se levantar uma nova cidade d'entre as ruinas da antiga. Chegaram-se a edificar algumas casas com os materiaes dispersos pelo solo; e ali se foi reunindo uma pequena população. Passados porém não muitos annos, correndo o de 1580, tornaram os habitantes a abandonal-a, ao que parece pela insalubridade do seu clima causada pelos pantanos que o rio Salso forma nos campos visinhos.

Desde então até ao meado do seculo XVIII estiveram esquecidas e despresadas as ruinas de Postum, apezar de conservar ainda de pé preciosos restos de alguns dos seus monumentos. Varios viajantes de instrução, que as visitaram depois, admirando aquellas bellas reliquias da antiguidade, não só as fizeram conhecidas, encaminhando para ali os viajantes curiosos, mas foram causa com os seus escriptos de que o governo napolitano olhasse pela conservação e reparo d'aquelles bons modelos da antiga architectura grega.

A cidade de Postum ainda conserva a maior parte da sua cerca de muralhas que tem vinte pés de altura, e de espaço em espaço torres ameaçadas com quatro portas, abertas nos muros em frente umas das outras. No centro d'este vasto recinto avultam tres templos arruinados, mas que deixam ver perfeitamente a sua architectura, e ajuizar da sua magnificencia d'outra ora. São cercados por todos os quatro lados de formosas columnas de marmore, em que o tempo poucos estragos tem feito. Em varias partes dos frisos ainda se vêem restos de esculturas.

Dois d'estes templos dizem que eram dedicados a Neptuno, e a Ceres, e ao terceiro davam o no-

me de *basilica*; mas estas noticias são duvidosas. Além d'estes tres monumentos ainda restam vestigios de um theatro e de um aqueducto; porém em ruinas informes.

Pestum acha-se situada a vinte e duas leguas da cidade de Napoles. Hoje podem os viajantes ir d'esta capital até aos velhos muros de Pestum por uma boa estrada.

I. DE VILHENA BARBOSA

Van-Dick.

Conclusão.

v

Os quatro actores d'esta scena entraram então n'uma salazinha contigua á galeria, onde, como tinha dito o conde, nada faltava para o trabalho a que Van-Dick ia entregar-se.

—Podeis estar como em vossa casa, disse Brignole ao artista: e tanto assim, que somos nós quem vos perguntamos se podemos ficar.

Van-Dick estava n'esse momento tão longe da terra que não ouviu o que lhe disseram. Pallavicini respondeu por elle, dizendo ao ouvido do conde:

—Conheço ha muito tempo Van-Dick, e sei-lhe dos caprichos: não gosto de trabalhar em presença de testemunhas. Saíam.

E saiu. Brignole acompanhou-o.

A condessa e Van-Dick ficaram sós.

—Não conheço nada melhor do que o retrato que tirastes da marquezia de Velletri. Disse a condessa em tom familiar como para encetar conversação.

—Esforçar-me-hei d'esta vez para merecer a vossa approvação, condessa. Respondeu elle com timidez.

—Que tal achaes a marquezia?

—Nunca a vi...

—Como assim! nunca a vistes?!... E como lhe tirastes então o retrato?

—Ah! a marquezia de Velletri?... Perdão, minha senhora, estava tão entregue aos meus juizes... Sim, creio que é formosa.

—Parece-me que esqueceis com muita facilidade os vossos modelos!... Retrae-me em pé, quero estar risonha, e com uma flor na mão. Gostaes d'este vestido?

—Não, senhora.

—Porque? que tem elle de mau?... Por ser preto?...

—Estimaria mais que tivésseis um com que tive o gosto de ver-vos o anno passado no baile do palacio Doria.

—Ah! tambem lá estaveis?

—Tive a honra de dançar e de conversar convosco... Parece-me que tambem esqueceis tão facilmente os vossos pares, como eu os meus modelos...

—Não admira, tive tantos pares...

—Tambem eu tenho tido tantos modelos!...

—Oh! não vos agasteis, senhor Van-Dick, por tão pouco! Desculpae!... foi gracejo; mas... se continuamos a conversar assim, tarde acabareis o meu retrato.

—O vosso retrato está concluido.

—Concluido! Mas eu não vejo nem um traço na tela!

—Ha um anno que o acabei. Podemos sair.

E levantando-se, saudou respeitosamente a condessa, dispondo-se para sair.

—Então fallaes serio? Perguntou ella. Ides-vos?

—Sim, minha senhora, e peço-vos licença para levar comigo a chave. Voltarei esta noite para dar o ultimo toque no vosso retrato.

—Bem. E quereis que eu volte aqui?

—E' inutil.

—Que mysterio, senhor Van-Dick! não m'o explicareis?

—Amanhã.

—Quereis que falle n'isto ao conde?

—Como quizerdes.

—Não: não lhe direi coisa alguma.

—Acho melhor!

E saíram. Van-Dick fechou a porta, e foi juntar-se a Pallavicini que o esperava conversando com Brignole na galeria.

—Oh! exclamou o conde, vendo-o entrar. Não vos demorastes nem meia hora!

—Fiz o contorno. A'manhã tenciono colorir.

—E' na verdade para admirar a facilidade com que trabalhaes!

Pallavicini e Van-Dick despediram-se do conde e saíram do palacio. Quando chegaram a casa, Pallavicini interrogou-o.

—Então como te sentes?

—Curado!

—Completamente?

—Falta-me só o remedio de que me fallaste.

—Tel-o-has.

—A condessa é uma tola, uma presumida que ainda hontem saiu do convento, e já quer fingir alguma coisa interessante n'este mundo! Espirito!... nem por onde elle passe!

—Muito bem, estou satisfeito contigo.

—Como se chama a outra?

—Vê-a-has esta noite. Tudo está preparado, e já te esperam.

—Esta noite!... pois bem, espera-me tu no adro da igreja de San-Carlo ás sete horas.

Van-Dick foi ao seu quarto de cama, desprezou da parede um panno coberto com um veo escuro, e descobriu-o. Era o retrato da condessa Brignole, o primor das suas obras, que ainda hoje se mostra em Genova no palacio Durazzo, executado durante o delirio da sua paixão d'artista! Embrulhou-o na tela, e deitando pelos hombros a capa, voltou a casa do conde. Atravessou a galeria, entrou no gabinete de trabalho, e tendo collocado o retrato no cavallete, chamou um criado a quem disse estas palavras:

—Ide dizer ao senhor conde de Brignole que está prompto o retrato de sua mulher.

E saiu.

.....

Alguns dias depois, Van-Dick esposou a filha de lord Rutwen, conde de Gorea: este casamento foi improvisado pelo conde Pallavicini, como remedio para destruir os restos da louca doença do grande artista: mas Van-Dick, já no primeiro periodo de uma phthisica, que o padecimento moral acelerara, morreu no dia em que completava quarenta annos.

As mulheres formosas teem morto bastantes artistas. Nunca porem um artista matou uma mulher formosa.

Eis a historia que nos foi contada um dia no palacio Durazzo, em Genova, defronte do famoso retrato da condessa Brignole, feito por Van-Dick.

A casa das conferencias de Zurich.

O palacio, onde ha bastante tempo estão fixadas as attenções da Europa, em consequencia de ahi se reunirem os plenipotenciarios da França, Austria, e Sardenha, afim de regularem definitivamente a paz chamada de Villafranca, está situado na cidade de Zurich, capital do cantão suizo do mesmo nome.

A importancia d'esta casa veiu-lhe principalmente das actuaes conferencias, e acabadas estas, perderá um pouco d'aquella importancia, filha das circumstancias.

A cidade de Zurich foi escolhida para taes reuniões por ser cidade neutral, pertencente a paiz com o qual as tres nações representadas nas conferencias nutrem as melhores relações d'amizade.

A cidade de Zurich, como dissemos capital do cantão do mesmo nome, está assentada em bella situação, sobre duas collinas, no sitio onde o Limmat, que divide a cidade em duas partes desiguas, sae do lago de Zurich. E' muito populosa e commerciante. Os seus edificios mais notaveis são o templo chamada *Gros-Munster*, a bibliotheca, a casa da camara, edificada sobre o rio, tendo um elegante portico de marmore negro, ornado d'esculpturas; o arsenal, onde ainda hoje se vêem antigas armaduras; e o collegio dos orphãos, que é o mais magestoso de todos.

Zurich, que figurou muito nas guerras da Suissa, foi tomada pelos francezes em 1799, sendo

n'esta occasião os russos e os austriacos obrigados a evacua-la. Foi berço de Gessner, Hottinger, Zimmermann, Lavater, Heis, Meister, etc.

Muito industrial, Zurich alimenta vasto commercio com o interior. Fazem-se ahi quatro feiras annuaes, que são muito concorridas.

G. A. M.

Os dois bakales.

CONTÓ MUSULMANO.

Nadir pertencia á casa do grã-visir, onde preenchia as funções de *tutundjibaschi*, isto é, official do tabaco e dos cachimbos.

O cuidado que tinha da sua pessoa e de seus vestidos, a exactidão em orar cinco vezes por dia, o jejum que observava escrupulosamente durante todo o *ramazan*, as frequentes esmolas, e, finalmente, a sua recente peregrinação a Mecca, provavam que era bom musulmano.

Além d'isso era bom servidor, e cuidava com attenção dos mil e cem cachimbos que lhe estavam confiados. Por isso era muito querido de seu amo.

O grã-visir tinha dado a Nadir um testemunho de verdadeira bondade, facilitando-lhe os meios de entregar a prenda dos desporios a uma favorita da esposa do sultão. Pouco tempo depois tivera logar o matrimonio.

A favorita tinha o suave nome de Fatima. Era muito querida de Nadir, a quem amava ternamente.

Como a esposa do sultão e o grã-visir lhes prodigalisavam signaes d'inesgotavel munificencia, Nadir e Fatima teriam vivido satisfeitos com a sorte que lhes reservava o destino, se não tivessem desejado em vão um filho a quem enchessem de caricias.

Haviam passado dois annos sem que o ceo lhes cumprisse o desejo, o que era para o *tutundjibaschi* assumpto de tristeza, que causava a Fatima bastantes lagrimas, pois temia que seu esposo, olhando-a com indifferença, a abandonasse por uma rival mais ditosa.

Ou fosse que Nadir concebesse então o designio de subtrahir-se, viajando, á pena que sentia no lar domestico; ou seus negocios o obrigassem a sair de Stambul por algum tempo, o certo é que pediu licença ao grã-visir para sair com uma caravana.

Quando Fatima soube da resolução de seu marido, chorou amargamente, pensando sem duvida que Nadir se queria libertar da influencia que sobre elle exercia sua formosura; imaginou que cederia em breve ao resentimento de não ter podido conhecer por ella as desejadas doçuras da paternidade.

Mas nem lagrimas nem supplicas puderam dissuadir a Nadir do seu projecto. Então a favorita da sultana cessou de lamentar-se, e mostrou contra a sua propria pessoa extremo furor.

—Se vaes, dizia a Nadir, podes estar certo de que cortarei ambas as mãos.

—Peço-te que não sejas tão cruel contigo mesma, dizia o marido.

E tratava de soeagal-a com palavras affectuosas, mas sem poder conseguil-o.

Depois de ter reflexionado um instante, tirou o seu punhal, apresentou-o a Fatima, e disse-lhe:

—Visto que as minhas instancias não te restituem a razão, toma o meu *palé* e realisa o teu funesto designio, pois resolvi partir.

Fatima apoderou-se com uma das mãos da arma, cujo gume poz sobre o punho da outra, e olhando para Nadir, respondeu:

—Não tardará que vejas correr o meu sangue.

Nadir permaneceu impassivel.

—Corra o sangue, disse, se está escripto que deve correr.

A esposa de Nadir fez um movimento de raiva, mas nem sua cutis assetinada, nem a brilhante folha do *palé* se tingiram de purpura; e arrojando para longe a arma, exclamou:

—Oh! quanto sou desgraçada por não poder satisfazer a minha colera!... Não creias que o temor de padecer ou de ver-me privada das minhas mãos tenha podido deter-me... Não... não... A

idea de, que quando tivesse cortado um punho me seria impossivel cortar o outro, foi a unica coisa que me deteve.

— Dou graças a Deus, disse Nadir com voz um pouco ironica, por ter enviado tanto a tempo a idea que te impedi de commetter um acto de barbaridade, de que immediatamente te arrependieras, e que me causaria muita pena.

— Não é verdade o que dizes, pois tu mesmo me entregaste o *palé*.

— Fiz bem, porque pensaste d'outro modo em quanto se achou em teu poder.

Estas palavras augmentaram a ira de Fatima; porém as lagrimas de que seus olhos estavam inundados evaporaram-se, como as gotas d'agua absorvidas por um raio de sol, e deixou escapar por entre dentes com difficuldade esta resposta:

— A minha morte, se te causar alguma pena, não me vingará da tua crueldade; mas far-me-ha livre. Vae, e não esqueças que ao voltar acharás a casa deserta.

— Escuta, disse Nadir, se queres consentir em não perturbar a nossa despedida com tão negras palavras, prometto dar-te...

— As tuas promessas não impedirão a minha morte... O que me darás?

— Uma formosa peça de *Haré-Diba* para fazeres um magnifico vestido.

— Quero morrer... Terá franjas de prata?

— Sim.

— Os galões de ouro valem mais.

— Custam mais caro e não sou rico.

Fatima occultou o rosto entre as mãos e lançou fortes suspiros.

— Não quero *Haré-Diba* com franjas de prata, repetia; quero morrer.

Os gritos de Fatima eram tão desoladores, que o marido commoveu-se e disse:

— Consola-te, adiarei a minha jornada.

Continua.

O judeu errante.

(LENDA)

Imitado da lenda alemã de Schubart.

Conclusão.

VI

Metade mais da terra

Ardia em crua guerra,

E carnivoras feras similhavam

Os homens. Esquecido elles haviam,

Que todos da mesma arv're descendiam

Da mesm'origem todos emanavam!

Das batalhas no oceano pavoroso

Afoito me lancei;

Aos do genero humano

Sedentos, crus algozes, fui juntar-me.

Do invencivel gaulez, e do germano,

E do irado e terribil sarraceno

As iras affrontei!

Mas nem o menor damno,

Os innumerados golpes me causaram,

Que nas lides audace recebi!

Contra meu peito o gladio e mais a lança

Qual fragil tenue vidro se quebraram!

Mallograda inda eu vi,

D'estes dias acabar a doce esperanza!

Da lucta no mais rijo m'entranhava,

Meu peito aos golpes franco apresentava;

Embalde!... não morri!

Embalde! porque a flecha zumbidora,

E o dardo envenenado

Em meus rins s'embotou

Qual raio de tormenta rugidera

De giganteo rochedo em spessa crusta,

Cuja hispida e adusta

Fronte, dos ceos os seio fende e rasga!

Debalde o elephante me pisou,

E com os irrequietos,

Ferreos pés, o cavallo na batalha,

De colera scintillante, me calcou!

Em vão a bomba prehe de metralha

Nos projectis a morte distribuindo,

Nos ares recurvando-se e zumbindo,

Ao pé de mim 'stoirou!

Em vão! Ferrea muralha

Era meu corpo! a morte inda zombou!

Debaixo de meus pés pejada mina

De polvora rebenta:

Qual projectil p'la funda arremeçado,

Ao cheio dos espaços

Voei, em uma nuvem involvido,

De cadav' res, sanguenta!

Entre o sangue que em rios jorra e pula,

De mil largas feridas vomitado,

Como de um sonho horrifico, aturdido

Sobre a terra acordei!

Ver cuida a extrema hora d'agonia!

Minhas carnes, meu craneo,

O sangue, e até dos ossos a medula

São queimados... mas eu inda vivia!

Sobre a minha cabeça a clava d'aço

Se quebrou, meneada p'lo gigante!

Do algoz deslocando o ferreo braço!

Do carnivor tigre o bronzeo dente

Em minhas carnes veiu-se embotar,

E nem mesmo o leão fero e ardente,

As garras enterrando-me no seio

Me pôde espedaçar!

A ira eu provoqueei de vis tyrannos,

Ousado disse a Nero: — és um verdugo!

Disse a Muley Ismael: — és um algoz!

Inauditas torturas me applicaram

Ambos, supplicio atroz;

Mas não me degolaram!

VII

Vagar p'lo mundo, incessante,

Qual eterno peregrino;

Viver sempre, eternamente,

Eis meu horrido destino!

Não topar n'esse caminho,

Coberto de tanto espinho,

Um poiso, embora mesquinho,

P'ra meus membros repousar!

N'esta estrada d'amargura,

Onde, apar da desventura,

Vago, a negra sepultura,

Não poder nunca encontrar!

Vagar p'lo mundo, incessante,

Qual eterno peregrino;

Viver sempre, eternamente,

Eis meu horrido destino!

E depois de tanta lida,

De tanta illusão mentida,

Não poder da triste vida

Desatar o debil nó!

Arrastar por esse mundo,

Immerso em pezar profundo,

Este ignobil, este immundo

Montão de fetido pó!

Vagar p'lo mundo, incessante,

Qual eterno peregrino;

Viver sempre, eternamente,

Eis meu horrido destino!

Por flores, topar abrolhos,

D'esse trilho nos escolhos;

E debaixo de meus olhos

Monotonía só ver!

O discurso quasi extincto

D'annos dois mil, no recinto

Do preterito faminto

Ver tudo isto, e não morrer!

Eterna ver a maldade

Pelo mundo triumphar,

E a virtude, a castidade

Ao vicio ceder logar!

Incolume ver o crime

Das leis mais santas zombar;

E a innocencia como o vime

Ant'o algoz se dobrar!

Ver escravo sempre o pobre,

Ant'o rico se prostrar;

Festejado sempre o nobre.

E o povo sempre a penar!

O abysmo da eternidade

Vinte seculos tragar;

E sempre eu a mesma edade

A mesma, sempre contar!

VIII

Oh! vós Eterno Ser, juiz supremo,
Arbitro dos destinos d'este mundo!
Consenti que o arranco exhale extremo;
Que os grilhões despedace, entre que gemo,
Da vida, n'este pelago profundo!

Se no ceo um castigo heis mais terrivel,
Qu'este, que ha vinte seculos m'opprime,
Dae-m'o, que será elle mais pref'avel,
P'ra remir a grandeza do meu crime,
Que o d'a morte ser sempre inaccessible!

Vós sois justo, sois bom, e sois clemente!
Crime não se commette, que ao perdão
Jus não tenha, se remorso duro, ingente,
Nos consome, voraz, o coração,
E o peito nos tortura permanente!

Dae-me a morte! findae esta amargura,
Em que annos já dois mil hão deslizado!
Fulminae-me co'a morte, inda a mais dura!
Permitti que repouse socegado
Nas entranhas d'ignota sepultura!

E o Eterno, que é clemente,
D'As'hwero o rogo ardente,
Sollicito escutou!
Pelo vasto universo,
Ninguem mais do perverso,
Vestigios encontrou!

H. VAN-DEITERS.

Senetos.

Se vires n'uma sala um janotinha
Cheirando a mil perfumes e pomadas,
Calçando finas botas apuradas,
Vestindo acatitada casaquinha;

Dizendo muita e muita asneirasinha
A's bellas pequerruchas engraçadas,
E, já com as perniúhas estafadas,
Na dança proseguir qual ventoinha;

Se vires, digo, algum em tal folia,
Andando em corropio, nem que fosse
Um doido com pancada a mais bravia;

Não indagues que sina ali o trouxe,
Mas parte-lhe a cabeça, onde ha mania;
Se miolos lhe achares dou-te um doce.

Deixem passar quem vae! Arreda, ó gente!
Passagem ao balão mais á donzella,
Que caminha correndo, e que atropella
Tudo que na passagem lhe faz frente!

Fujam todos, a qual mais diligente,
E deixem navegar o barco á vela...
Livre Deus esta nau, e a dona d'ella
De encalhar n'algun becco de repente.

Louve-se esta invenção linda, e franceza,
Que, agradando ás meninas mais janotas,
Assusta a gente séria portugueza.

Mas assumpto será d'altas risotas,
Se o vento fôr soprando com braveza,
E a dama fôr pelo ar ás cambalhotas.

J. I. D'ARAUJO.